

FÓRUM DE LÍDERES

355

“Expectativas foram revertidas”

Segundo o presidente do Fórum de Líderes, Hermann Wever, é preciso trazer de volta o investimento

Jaime Matos
de São Paulo

Continuação da página A-1

Presidente do Conselho Consultivo da **Siemens do Brasil**, consultor de empresas e sucessor do atual ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan na presidência do *Fórum de Líderes Empresariais* *Gazeta Mercantil*, estará falando de sua idéias na noite de hoje, a seleta platéia de empresários. Em cerimônia que será realizada no **Credicard Hall**, em São Paulo, ele receberá 235 líderes de 47 setores eleitos neste ano, 20 novos integrantes do *Fórum de Líderes Sociais do Brasil*, representantes de 28 empresas ganhadoras do *Prêmio Imagem Empresarial* e convidados.

Wever declara-se “otimista”

em relação ao próximo ano e credita a mudança de rumo, para melhor, à política firme da equipe econômica do governo, com a atuação dos ministros Pallocci, Luiz Fernando Furlan e Roberto Rodrigues mais o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. “Esse pessoal conseguiu quase um milagre”, arrisca. “Como resultado, entraremos em 2004 com uma enorme confiança. Acho possível até pensar em um crescimento de 3% a 4% da economia”.

Outro ponto positivo a favor do governo é o comércio exterior, segundo Wever. Ele chama a atenção para um estudo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) que mostra a que fatores se credita o crescimento das exportações: 1/3 ao aumento de volumes, 1/3 ao bem-vindo aumento dos preços internacionais

das commodities e 1/3 à abertura de novos mercados.

“Esse último é algo a destacar, pois mostra que o governo não está parado, mas agindo corretamente, procurando novos parceiros comerciais. Sem o superávit da balança comercial, de esperados US\$ 24 milhões, não teríamos conseguido outra façanha, que foi a de eliminar o déficit das transações correntes, pela primeira vez desde 1992”, diz Wever.

Essas conquistas, que se traduzem no aumento de confiança no governo precisam transformar-se em um movimento de incentivo à



volta dos investimentos, prossegue. Ele lembra que, atualmente, as aplicações correspondem a 18% do PIB; o ideal é que tal relação suba para 22% ou 23%. “É fundamental a

volta dos investimentos. E temos que fazer isso com poupança nossa, nacional, pois a dependência exagerada de capitais externos, como já se viu antes, leva a economia a uma extrema vulnerabilidade. Elevar a capacidade de poupança interna é uma tarefa que pode ser bem cumprida através dos empresários”.

A aplicação de uma política

econômica e monetária bem concatenadas foi um bom início. Mas é preciso ainda ser criado um ambiente regulatório: haver regras de jogo claras e, na sequência, respeito a essas regras, afirma Wever. “Falta-nos ainda um plano estratégico, fazer escolhas corretas, orientar para o caminho para o desenvolvimento, sem deixar tudo ao sabor do mercado”. O recente anúncio de que o governo elegeu quatro setores como estratégicos — semicondutores, fármacos e medicamentos, software e bens de capital é um passo naquele sentido.

O desafio brasileiro, segundo ele, não se esgota em conseguir crescimento de 3% a 4% do PIB, mas dar continuidade ao processo. “Não nos esqueçamos que nos últimos 20 anos vivemos entre bolhas de crescimento. Não é possível continuar indefinidamente

nessa situação de vai-e-volta”.

No processo todo, ele pontua a participação da empresa privada. “O governo merece todo apoio, portanto precisa ser apoiado. Os empresários brasileiros estão prontos a se posicionar nesse sentido”.

Não por acaso, o tema a ser desenvolvido pelo *Fórum de Líderes Empresariais* em 2004 será exatamente “Ações conjuntas governo-setor privado para o revigoramento da expansão econômica”.

Trata-se de reunir experiências, propostas e sugestões e depois consolidá-las em um trabalho, que será chamado “Documento dos 1.000” — referência ao número de integrantes do Fórum — a ser oferecido ao governo Lula como subsídio para futuras ações. (Leia abaixo “Propostas: a construção de um País melhor”)

“Expectativas foram revertidas”

Economia - Brasil

Presidente do Fórum de Líderes diz que governo teve sucesso na economia

Jaime Matos
de São Paulo

A economia brasileira viveu em 2002 um fim de ano de Dickens, quando três fantasmas a rondavam. O primeiro foi o dólar em disparada, que abriu o ano em modestos R\$ 2,316, mas batera nos R\$ 4,00 em outubro — em boa parte por especulações ligadas à eleição presidencial —, para chegar em 31 de dezembro em R\$ 3,545, acumulan-

do no ano a maior alta frente ao real, de 54,13%. O segundo foi a ameaça da volta da inflação e, finalmente, ao fundo, o risco Brasil chegara ao nível preocupante dos 2.288 pontos em outubro e encerrara o ano passado nos ainda incômodos 1.439.



Hermann Wever

A exatos 30 dias do final de 2003, essas ameaças estão afastadas. Câmbio e inflação comportam-se melhor e o risco Brasil está abaixo da linha dos 500 pontos. Além disso, a taxa de juros recuou a nível mais adequado e o País pode

conseguir superávit comercial de aproximados US\$ 23 bilhões.

“Essa reversão de expectativas é a maior vitória a ser comemorada por todos. O primeiro ano de governo do presidente Lula foi um sucesso no campo macroeconômico”, aplaude Hermann Heinemann Wever, novo presidente do *Fórum de Líderes Empresariais* *Gazeta Mercantil*.

Continua na página A-13